

## OPINIÃO

A 'nova economia' dá às pessoas o que elas pedem. Há menos hierarquias, mais flexibilidade e mais motivação por objetivos. Mas o trabalho flexível pode ser demasiado imprevisível para compatibilizar e permitir a realização de outras atividades

# As grandes mudanças no mercado de trabalho



Klaus F. Zimmermann

Muitas pessoas sonham desde sempre com uma situação laboral que as amarre menos ao seu local de trabalho. A sua visão é ganhar mais liberdade na gestão das diversas tarefas ao longo do dia. Anseiam especialmente por serem capazes de misturar melhor trabalho e lazer. Outros sonham com deixar de executar tarefas monótonas e altamente repetitivas.

Esse mundo está cada vez mais próximo de se tornar realidade. E ainda assim, em vez de se sentirem libertas das cadeias do passado, as pessoas manifestam grande nervosismo face à chegada deste novo mundo. As questões que se levantam em tom ansioso são as seguintes: Vamos ficar sem trabalho? Mais especificamente, haverá trabalho para mim no futuro?

Estas preocupações unem atualmente grande parte do planeta, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento.

Afinal, este é um tempo em que o foco até no sector industrial da China

se coloca na instalação de quantidades massivas de robôs industriais. Parte da razão é que o tamanho da força de trabalho chinesa — durante muito fonte de preocupações existenciais no mundo ocidental acerca da deslocação de empregos de montagem para a China — atingiu o seu máximo.

As pressões do mercado de trabalho também são sentidas noutras regiões. Na Índia, que será em breve a nação mais populosa do mundo, todos os anos são precisos mais de 10 milhões de postos de trabalho — só para absorver os que entram de novo no mercado de trabalho.

E em todo o mundo, os recém-licenciados — tanto nos países 'ricos' como nos em desenvolvimento — percebem que o curso só por si não é garantia de emprego.

Entretanto, os robôs não ameaçam apenas os postos de trabalho nas linhas de montagem do sector industrial. Os chamados robôs de serviço e a informatização preparam-se para atingir uma série de profissões, dos pilotos de linhas aéreas aos camionistas e dos cirurgiões aos cozinheiros.

Mas criar mais flexibilidade e potencial lucro não traz ainda um mundo de novas riquezas. Alguns dos mais brilhantes pensadores na matéria — e tecno-otimistas de longa data — comecem agora a preocupar-se com o facto de a promessa de criar "mais riqueza com menos empregados" ter

um impacto negativo no desemprego.

A mudança é sempre enervante. E se bem que a forma precisa do futuro seja incerta, já sabemos de algumas mudanças-chave. O emprego na mesma empresa para toda a vida e mesmo os contratos de trabalho formais tornar-se-ão cada vez mais raros, longe do que foram ao longo de três quartos de um século (pelo menos nos países desenvolvidos).

Uma maior 'informalidade' nos acordos laborais — muito tempo considerada um fenómeno que afetava

**A crescente flexibilidade laboral significa que a linha divisória entre trabalho e lazer foi de vez apagada. Isso pode criar considerável stresse**

principalmente os países em desenvolvimento — está também a tomar conta dos países mais desenvolvidos. Está, de facto, a tornar-se um grande nivelador a nível global.

Até certo ponto e num grau considerável, a 'nova economia' dá às pessoas o que elas pedem. Há menos hierarquias, mais flexibilidade e mais motivação por objetivos. A capacidade de agir de uma forma mais empresarial tem muita procura, na medida em que é um modelo de compensação baseado em resultados, não apenas no tempo gasto.

À medida que este novo mundo do trabalho emerge, podemos observar a sua dialética inerente. Por um lado, os *smartphones* permitem-nos ultrapassar a separação formal entre trabalho e lazer. Por outro lado, levamos hoje o trabalho para casa, literalmente, no bolso.

Por conseguinte, o proverbial mundo das 9h às 5h está a desaparecer rapidamente. Isso pode acabar por ser libertador para algumas pessoas e grupos que precisam de horários mais flexíveis, incluindo as mães trabalhadoras. E, com o andar do tempo, pode até levar ao descongestionamento das nossas vias de acesso às cidades, à medida que a loucura bidiária da 'hora de ponta' deixar de ser questão do quotidiano.

Esta passagem para padrões mais flexíveis de trabalho também cria novos desafios. O trabalho flexível pode ser demasiado imprevisível para compatibilizar e permitir a realização de outras atividades, como uma consulta médica difícil de conseguir ou como manter umas horas extra de trabalho noutra emprego qualquer.

Para outros ainda, esta flexibilidade significa, de facto, que a linha divisória entre trabalho e lazer foi de vez apagada. Isso pode criar considerável stresse. Muitos americanos, já acostumados a trabalhar longas horas no escritório, no serviço ou na oficina, experimentaram durante décadas esta fronteira vaga entre trabalho e lazer.

Para outros países, isto pode surgir como um choque súbito no sistema.

Os prós e os contras da mudança da força de trabalho e dos locais de trabalho necessitarão de uma análise cuidada e inteligente. Devemos estar confiantes na tarefa. Ao fim e ao cabo, as economias mundiais progrediram com mudanças muito maiores — e com as pressões sociais e problemas que trouxeram — no passado.

As transformações de outras eras — particularmente a mudança de muitos milhões de pessoas do campo para a cidade — foram um terramoto. Mas o resultado foram padrões de vida dramaticamente melhorados e mais prosperidade para todos. A sociedade ajustou-se a uma 'nova normalidade' e a vida tornou-se melhor do que tinha sido para milhões de pobres a viver no limiar da fome.

As mudanças que se abeiram criarão oportunidades que nem podemos imaginar. Para lá chegarem, as economias em desenvolvimento terão de continuar a transformar-se, enquanto as economias da Europa e da América do Norte terão de se ajustar às realidades em mudança.

A novidade principal é que, desta vez, todos, enquanto humanidade, estaremos envolvidos neste realinhamento, onde quer que vivamos.

Diretor do Instituto para o Estudo do Trabalho (IZA) e editor-chefe da "IZA World of Labor"